

**FOLKCOM 2005**

**8 CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE *FOLKCOMUNICAÇÃO***

9 A 12 de Junho – Teresina – Piauí – Brasil

A comunicação dos pagadores de promessa: do *ex-voto* a indústria dos milagres.

Colóquio acadêmico sobre o tema: Folkturismo místico: os caminhos que levam  
as mecas brasileiras

***Os caminhos que levam à Meca do Catolicismo Rústico (Juazeiro do Norte).***

Profª. Dra. Betania Maciel  
POSMEX/UFRPE.

## **1 INTRODUÇÃO HISTÓRICA**

O Padre Cícero Romão Batista nasceu no dia 24 de março de 1844, no Crato, Ceará, filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana. Foi batizado no dia 8 de abril pelo Padre Manoel Joaquim Aires do Nascimento, tendo como padrinhos seu avô paterno, Romão José Batista e uma tia materna, Antônia Ferreira Catão.

Desde cedo Cícero Romão Batista - o mito popular mais poderoso no Nordeste do País - gostava de ouvir histórias de santos. Aos sete anos, começou a estudar com o professor Rufino de Alcântara Montezuma e fez sua Primeira Comunhão na matriz do Crato. Aos 12 anos, passou a ser aluno do latinista Padre João Marrocos Teles, professor, por concurso, da cadeira de Latim, criada no Crato por D. Pedro I e com essa idade fez o voto de castidade, influenciado pela leitura da vida de São Francisco de Sales, como ele próprio afirma no seu testamento. Seu pai, sabendo dos seus progressos na aula régia do professor João Marrocos, o matriculou no famoso colégio do Padre Inácio de Sousa Rolim, em Cajazeiras, Paraíba. Em 1862 interrompeu seus estudos e retornou ao Crato para cuidar da sua mãe e irmãs solteiras, devido à morte inesperada de seu pai, vítima da cólera-morbo.

Em março de 1865, ingressou no Seminário de Fortaleza, para seguir a carreira eclesiástica, onde é ordenado em novembro de 1870. Pouco depois de sair do seminário, em 1870, foi designado pároco de Juazeiro, então um povoado com doze casebres de alvenaria e uma capela. Regressando ao Crato, em 1871, cantou a sua primeira missa no altar de Nossa

Senhora da Penha, na Matriz do Crato e durante esse ano foi professor no colégio ali fundado por José Marrocos. Em abril de 1872, com 28 anos de idade, retorna ao povoado de Juazeiro, onde fixou residência definitivamente. Uma vez instalado, formado por um pequeno aglomerado de casas de taipa e uma capelinha erigida pelo primeiro capelão Padre Pedro Ribeiro de Carvalho, em honra a N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores, Padroeira do lugar, ele tratou inicialmente de melhorar o aspecto da capelinha, adquirindo várias imagens com as esmolas dadas pelos fiéis.

Depois, tocado pelo ardente desejo de conquistar o povo que lhe fora confiado por Deus, desenvolveu intenso trabalho pastoral com pregação, conselhos e visitas domiciliares, como nunca se tinha visto na região. Dessa maneira, rapidamente ganhou a simpatia dos habitantes, passando a exercer grande liderança na comunidade.

Paralelamente, agindo com muita austeridade, cuidou de moralizar os costumes da população, acabando pessoalmente com os excessos de bebedeira e a prostituição.

Restaurada a harmonia, o povoado experimentou, então, os passos de crescimento, atraindo gente da vizinhança curiosa por conhecer o novo capelão.

No seio dessa vastidão encontra-se Juazeiro do Padre Cícero, um aglomerado de casebres de pau-a-pique dos mais miseráveis que se podiam ver. Ao invés, muitas casuchas daquelas mostram, sobre a única porta da frente, dois buracos que servem de seteiras. No seio da Meca sertaneja (...) as habitações quase todas se copiam por fora (...) só as distingue a numeração, um cartapácio com grosseiros algarismos, em geral seguidos das iniciais PC e de cruces, signos-de-salomão ou de outros símbolos de uma cabalística rudimentar. (...) Não há nas pobres habitações nem cadeiras, nem mesas, nem camas. Em nenhuma delas falta, porém, pendurada à parede da sala a efígie do Padrinho (...). Junto à gravura, na maioria das casas ostenta-se um rifle. (MACEDO, 1975).

Para auxiliá-lo no trabalho pastoral, Padre Cícero resolveu, a exemplo do que fizera Padre Ibiapina, famoso missionário nordestino, falecido em 1883, recrutar mulheres solteiras e viúvas para a organização de uma irmandade leiga, formada por *beatas*, sob sua inteira autoridade.

A rotina pacata de sacerdote no interior evaporou-se com a grande seca de 1889. O inverno não chegava e a população de Juazeiro fazia caminhadas de penitência pedindo a Deus que chovesse.

Parecia que todo o atraso dos sertões ali se concentrara “para condicionar”(...) Maior retrocesso e estabelecer condições propícias de desajustamentos em que repontam mentalidades atrasadas de séculos. (...) A região não sofre os rigores da seca. As estiagens prolongadas influem, ao contrário, beneficemente no seu desenvolvimento econômico. Acossadas por elas, as populações circunvizinhas, num raio de muitas léguas, pagam por alto preço os cereais e o açúcar. (...) Crianças nuas passam correndo sem gritos nem risos, romeiros acocoram-se à parca sombra da orla das salas mastigando a sua matalotagem de farinha d'água e nacos de carne de bode. (...) Mulheres sentadas às portas, em saia e camisa, despenteadas, quase todas com a miséria impressa nas faces dão-se à tarefa de catar insetos à cabeça dos filhos. Numa esquina um grupo mais animado rodeia o "Beato" de prestígio que celebra, ou um penitente que profliga os costumes. Aí está o Juazeiro arraial. Vinte mil almas, a que se agrega e de que se despede cada dia uma multidão de romeiros. É esse o Juazeiro temível. (...) abrigo de peregrinos e de cangaceiros da pior espécie, de doentes e de malucos (MACEDO, 1975).

Em 1889, ocorreu a primeira manifestação dos poderes milagrosos a ele atribuídos. Numa noite de março, o padre convidou os quinhentos habitantes do povoado para atravessar a madrugada orando e confessando. Às cinco da manhã, Cícero levantou-se do confessionário e foi distribuir a comunhão às oito beatas que permaneciam na igreja. Quando colocou a hóstia na boca da lavadeira Maria de Araújo, viu que a partícula branca começou a se transformar numa pasta de sangue, enquanto a mulher entrava em êxtase e caía desmaiada. No dia seguinte o fenômeno se repetiu. E também em todas as quartas e sextas-feiras, durante dois anos. O sangue que escorria da boca da beata era tanto que o padre o enxugava com os panos do altar. Médicos conceituados na região foram chamados para verificar o caso. Presenciaram o ato e atestaram que Maria de Araújo não apresentava nenhum ferimento na língua, nas gengivas ou na garganta.

Nos últimos anos, por força dos mais recentes acontecimentos do Juazeiro – os milagres da Beata Maria de Araújo – o sertão nordestino andava em rebuliço (AGUIAR, 1992).

De início, Padre Cícero tratou o caso com cautela, guardando sigilo por algum tempo. Os médicos Marcos Madeira e Idelfonso Correia Lima e o farmacêutico Joaquim Secundo Chaves foram convidados para testemunhar as transformações, e depois assinaram atestado afirmando que o fato era inexplicável à luz da ciência. O médico Marcos Madeira atestou como sobrenaturais os fenômenos por ele vistos e estudados das hóstias que se transformavam em sangue. Isto contribuiu para fortalecer no povo, no Padre Cícero e em outros sacerdotes a crença no milagre. O povoado passou a ser alvo de peregrinação: as pessoas queriam ver a

beata e adorar os panos manchados de sangue. O professor e jornalista José Marrocos, desde o começo um ardoroso defensor do milagre, cuidou de divulgá-lo pela imprensa.

O fenômeno gerou desconforto entre o clero cearense, que em 1894 o proibiu de exercer as funções de sacerdote até que se retratasse. Foi chamado à Fortaleza pelo bispo Dom Joaquim José Vieira para um *auto de perguntas* sobre o que estava ocorrendo em Juazeiro, para onde é enviada uma primeira Comissão de Inquérito que confirma o que está ocorrendo e envia ao bispo um relatório considerando todos os fenômenos como sendo coisa divina. O bispo não acata nem acredita no relatório, nomeando uma outra Comissão de Inquérito, tendo à frente o Mons. Antonio Alexandrino de Alencar, que mandou buscar a beata Maria de Araújo ao Crato. Ao ministrar-lhe a hóstia esta não se transforma mais em sangue. A Comissão fez um relatório desmentindo tudo e considerando um embuste o ocorrido em Juazeiro e envia-o ao bispo que o acatou, assinando uma portaria, na qual estipulava as seguintes sanções contra o Padre Cícero: ele não podia mais celebrar em Juazeiro, confessar nem pregar na diocese. Era também terminantemente proibido de falar sobre o assunto dos milagres e atender aos romeiros.

A nova Comissão agiu rapidamente. Convocou a beata, deu-lhe a comunhão, e como nada de extraordinário aconteceu, concluiu: não houve milagre! O povo, José Marrocos, Padre Cícero e todos os outros padres que acreditavam no milagre protestaram.

Com a posição contrária do bispo, criou-se um tumulto, agravado quando o Relatório do Inquérito foi enviado à Santa Sé, em Roma, e esta confirmou a decisão tomada pelo bispo. Todos os padres que acreditavam no milagre foram obrigados a se retratar publicamente, ficando reservada ao Padre Cícero uma punição maior: a suspensão de ordem.

Durante toda sua vida ele tentou revogar essa pena, todavia, foi em vão. Padre Cícero nunca desmentiu os fatos inexplicáveis. Apesar de ter recorrido à Cúria romana, jamais voltou a celebrar missas. Padre Cícero viajou então a Roma em 1898, onde teve uma audiência com o Papa Leão XII sendo absolvido de suas penas.

Porém o Bispo do Ceará, Dom Joaquim Vieira, publicou a sua pastoral nº 4, decidindo que o sacerdote não poderia celebrar, confessar ou fazer sermões, enquanto não viesse de Roma o decreto de reabilitação.

Isso tudo não fez com que o Padre Cícero deixasse de ser o guia espiritual de milhares de sertanejos que partiam de todos os cantos do Nordeste com destino a Juazeiro. Padre Cícero passava o dia atendendo os fiéis em sua casa, sempre com a radiola ligada ao fundo, tocando música clássica, e um copo de suco de laranja ou chá de abacate pronto para seu deleite. Às seis da tarde, terminava o expediente com um sermão que reunia centenas de pessoas. A silhueta do padre aparecia na janela e sobressaía à chama de uma lamparina:

Quem bebeu não beba mais; quem matou não mate mais; quem preguiçou não preguice; quem pecou não peque (BARBOSA, 1992).

Ao toque de suas mãos, reza a lenda, loucos ganhavam lucidez e prostitutas se regeneravam. Seguindo suas recomendações, enfermos se curavam e parálíticos voltavam a andar. “É preciso separar o mito da realidade. Como ele tinha muitos conhecimentos sobre ervas medicinais, recomendava um chá para cada doente e dava certo”. Numa época em que os médicos não eram minuciosamente especialistas e assim qualquer pessoa com poder tratavam seus pacientes como terapeutas, escutando-os, recebendo visitas e ajudando-os ao resolver problemas que muitas vezes nada tinham a ver com saúde, mas que poderiam acarretar em problemas orgânicos. A sociedade respeitava o médico por seus conhecimentos diversificados e por serem conhecedores da arte e respeitava o Padre Cícero por ser ele ser milagrosos.

Nem toda mulher serve de companhia pra uma moça. E nem toda moça serve de companhia pra outra. Confiar em seu ninguém, porque só Deus é justo sim... Boca calada, ouvido mouco. Deixe de andar com conversa fiada. É por causa de conversa que o Diabo anda solto...(AGUIAR, 1992).

O lendário bastão do Padre Cícero não apontava apenas a saída para os maus caminhos que se apoderavam da vida dos fiéis. Também ditava as regras políticas da região. O religioso ocupou o cargo de prefeito de Juazeiro durante 12 anos. Em 1914 foi nomeado vice-governador do Ceará e, em 1926, elegeu-se deputado federal. “Mas eram seus secretários que governavam. Ele não tinha tempo nem querença pelo poder”, afirma o biógrafo Geraldo Menezes Barbosa, que conviveu com o padre até os dez anos de idade.

Vésperas do dia de Finados, no Juazeiro, já se firmava como tempo das romarias. Missas a toda hora, as igrejas cheias, a casa de Padre Cícero, que normalmente ficava com mais de cem pessoas, nessas épocas lotava. De empurrão e empurrão as pessoas iam entrando e localizando perto da cadeira onde o Padre Cícero calmamente ouvia as histórias dos romeiros, aconselhando a cada um. O povo se acotovelava. A casa de Padre Cícero continuava cheia, já clara. Um grupo de beatas rezava a ave Maria. Seis horas às vésperas do dia de Finados. (AGUIAR, 1992).

Proibido de exercer suas funções eclesiásticas, tentou ajudar o povo de Juazeiro através do ingresso na vida política. Tornando-se assim um guia messiânico nas terras dos Cariris. Junto ao Padre Cícero estava o ambicioso, audaz e leal ao sacerdote, o Senhor Floro Bartolomeu que conseguiu para si força, prestígio e poder político. O pacto era que o padre não tomasse nenhuma decisão sem antes consultá-lo. O plano era o seguinte: convocar uma sessão dissidente da Assembléia Estadual do Ceará (em Juazeiro), Floro conseguir eleger-se presidente dessa Câmara e, então, contestar a constitucionalidade do governo Franco Rabelo, forçando uma deposição. A conspiração entrou para a história com o nome de "revolução" ou "Sedição de Juazeiro". Dias depois, Floro Bartolomeu foi eleito presidente do governo provisório.

Considera-se como movimento messiânico, aquele que é comandado por um líder espiritual, um "messias", que a partir de suas pregações religiosas passa a arregimentar um grande número de fiéis, numa nova forma de organização popular, que foge as regras tradicionais e por isso é vista como uma ameaça à ordem constituída. Esses movimentos tiveram importância em diversas regiões do país; no interior da Bahia, liderado pelo Conselheiro, em Juazeiro do Ceará, liderado pelo Padre Cícero, no interior de Santa Catarina e Paraná, liderado pelo beato João Maria e novamente no Ceará, sob comando do beato José Lourenço; somente foi possível devido a algumas condições objetivas como a concentração fundiária, a miséria dos camponeses e a prática do coronelismo, e por condições subjetivas como a forte religiosidade popular e a ignorância. Os grandes grupos sociais que acreditaram nos messias e os seguiram, procuravam satisfazer suas necessidades espirituais e ao mesmo tempo materiais (BARBOSA, 1992).

Conseguida a independência de Juazeiro, em 22 de julho de 1911, Padre Cícero foi eleito Prefeito do recém-criado município. Além de Prefeito, também ocupou a Vice-Presidência do Ceará. Sobre sua participação na Revolução de 1914 ele afirmou categoricamente que a chefia do movimento coube ao Dr. Floro Bartolomeu da Costa, seu grande amigo. A Revolução de 1914 foi planejada pelo Governo Federal com o objetivo de depor o Presidente do Ceará Cel. Franco Rabelo. Com a vitória da Revolução, Padre Cícero reassumiu o cargo de Prefeito, do qual havia sido retirado pelo governo deposto, e seu prestígio, cresceu. Sua casa, antes visitada apenas por romeiros, passou a ser procurada também por políticos e autoridades diversas.

Era muito grande o volume de correspondências que Padre Cícero recebia e mandava. Não deixava nenhuma carta, mesmo pequenos bilhetes, sem resposta, e de tudo guardava cópia.

Com respeito a Lampião, Padre Cícero o viu apenas uma vez, em 1926. Aconselhou-o a deixar o cangaço, e nunca lhe deu a patente de Capitão, como foi dito em alguns livros.

Padre Cícero é o maior benfeitor de Juazeiro e a figura, mais importante de sua história. Foi ele quem trouxe para Juazeiro as Ordens dos Salesianos e dos Capuchinhos; doou os terrenos para construção do primeiro campo de futebol e do aeroporto; construiu as capelas do Socorro, de São Vicente, de São Miguel e a Igreja de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores; incentivou a fundação do primeiro jornal local (O Rebate); fundou a Associação dos Empregados do Comércio e o Apostolado da Oração; realizou a primeira exposição da arte juazeirense no Rio de Janeiro; incentivou e dinamizou o artesanato artístico e utilitário, como fonte de renda; incentivou a instalação do ramo de ourivesaria; estimulou a expansão da agricultura, introduzindo o plantio de novas culturas; contribuiu para instalação de muitas escolas, inclusive a famosa Escola Normal Rural e o Orfanato Jesus Maria José; socorreu a população durante as secas e epidemias, prestando-lhe toda assistência e, finalmente, projetou Juazeiro no cenário político nacional, transformando um pequeno lugarejo na maior e mais importante cidade do interior cearense.

Os bens que recebeu por doação, durante sua quase secular existência, foram doados à Igreja, sendo os Salesianos seus maiores herdeiros.

Quando os padres de Roma impuseram censura ao proceder do Padre Cícero, os penitentes começaram a ser perseguido, procurados como desordeiros. Mesmo assim continuavam a realizar as penitências e não se intimidavam. Começaram a participar de penitências secretas nos caminhos tortuosos da Serra do Horto.

Aquela voz se misturava com a dor dos outros penitentes, enquanto as cutiladas aplicadas por ele mesmo com violência sem freio cortavam seus músculos a dor. A dor se sumia naqueles benditos de mágoas e certeza de alcançarem o perdão de Deus. Com o tempo a gente nem sentia o repisar das pancadas. A carne ficava dura, virava resistência, apoio do castigo (AGUIAR, 1992).

*“ O sangue é tanto,*

*Faz até horror*

*Perdoai, ‘Senhor’,*

*Este pecador”.*

Em 1916, ele recebeu do novo bispo da diocese do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, permissão para celebrar na Igreja de Nossa Senhora das Dores, após 24 anos de proibição. Voltando a celebrar começou a receber maior número de romeiros. Alguns comerciantes haviam mandado fabricar medalhas com a sua efígie o que não agradou ao novo bispo. Quando solicitou autorização a Dom Quintino para ser padrinho de uma criança que ia batizar-se, o bispo desgostoso com a notícia de que estavam vendendo medalhas com o retrato do Padre, negou a autorização para apadrinhar e determinou que, a partir daquela data, não mais deveria celebrar.

Ferido, não se revoltou nem reagiu. Aceitou com humildade a decisão do seu bispo, dedicando-se totalmente ao bem da sua cidade de Juazeiro. Era um nome famoso, líder do povo do Nordeste, conselheiro de milhões de pessoas. O povo amava o seu padrinho sofredor. Morreu, no dia 20 de julho de 1934, às 5h da manhã, aos 90 anos, sendo enterrado no dia 21, na presença de mais de 70 mil pessoas. Fraco e quase cego, embora sempre lúcido e atendendo os romeiros. Desde então, no dia 20 de cada mês, a população de Juazeiro do Norte se veste de preto em sinal de luto a seu patriarca e eterno conselheiro.

Ao morrer, seus inimigos gratuitos apregoaram que, morto o ídolo, a cidade que ele fundou e a devoção à sua pessoa acabariam logo. Enganaram-se. A cidade prosperou e a devoção aumentou. Até hoje, todo ano, religiosamente, no Dia de Finados, uma grande multidão de romeiros, vindos dos mais distantes locais do Nordeste, chega a Juazeiro para uma visita ao seu túmulo, na Capela do Socorro.

Padre Cícero é uma das figuras mais biografadas do mundo. Sobre ele, existem mais de duzentos livros, sem falar nos artigos que são publicados freqüentemente na imprensa. Ultimamente sua vida vem sendo estudada por cientistas sociais do Brasil e do exterior.

Não foi canonizado pela Igreja, porém é tido como santo por sua imensa legião de fiéis espalhados pelo Brasil.

O binômio *oração e trabalho* era o seu lema. E Juazeiro é o seu grande e incontestável milagre.

## 2 MOTIVAÇÕES RELIGIOSAS:

### 2.1 Mediadores responsáveis pelos mostruários: a casa do Padre Cícero.

Em Juazeiro existe o casarão que foi construído em 1907 pelo padre Cícero Romão Batista, na Colina do Horto. Era o local onde as beatas acolhiam os romeiros que se dirigiam a Juazeiro do Norte, na Região do Cariri, em busca de um conselho, confissão ou de uma palavrinha do *Padim*. Os romeiros continuam indo a Juazeiro do Norte. Atualmente nos dias santos, a previsão é de 200 mil a 300 mil visitando a cidade. Entre os locais visitados por nós, está o casarão que se transformou num museu. Lá encontramos imagens de cera, representando momentos vividos pelo sacerdote fundador da cidade, objetos diversos, quadros e *ex-votos* deixados pelos fiéis, como prova de graça alcançada, e entre eles, vestidos de noiva. São vestidos de tecido fino, enfeitados com pedrarias, acompanhados de véu e grinalda. Dois deles ficam expostos com proteção de vidro para que não haja estragos. Segundo o padre José Venturelli, responsável pela Fundação Educativa Salesiana Padre Cícero, outros modelos tradicionais usados pelas noivas são guardados em armários. O mais interessante é que, apesar de terem sido doados por romeiras, são emprestados para as noivas sem condições de comprar ou alugar um vestido tradicional para o casamento religioso.

"Basta falar comigo e se comprometer a devolver, após a cerimônia de casamento", diz o padre salesiano que nunca teve problemas com os vestidos emprestados. As doações, segundo ele, são feitas principalmente durante as romarias. Nesta época, ou seja, na Semana Santa, por exemplo, os romeiros celebram o aniversário do padre Cícero, ocorrido na quinta-feira, 24, (161 anos) e a Semana Santa deste ano de 2005, encerrada no próximo domingo da Ressurreição. .

Padre Venturelli não tem as contas de quantos vestidos, véus e grinaldas têm guardado. São *ex-votos* de romeiras, principalmente de estados nordestinos como Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte, Piauí e também do interior cearense, como de Juazeiro do Norte. "Os romeiros daqui, como dizia o padre Cícero", recorda.

A casa onde morava o Padim Ciço, na Rua São José, 242, no centro da cidade, também virou museu e é muito visitada pelos romeiros. Ali, também existem vestidos de noiva doados pelas

devotas. “Mas não emprestamos porque elas pedem. É só um ex-voto, para pagar promessa”, diz Maria de Lourdes Santos, que se diz “guardiã” da casa do padre Cícero há 35 anos. A casa também é parte da Fundação Educativa Salesiana Padre Cícero e está sob a responsabilidade do padre José Venturelli.

Embora não empreste os vestidos, dona Lourdes diz que as grinaldas, véus e buquês doados, ela dá para os grupos de lapinhas (representação teatral para festas religiosas como o Natal e dia de Reis), tradicionais em Juazeiro do Norte. “Temos vestidos muito ricos, enfeitados com contas e pétalas. Tenho o maior cuidado e sempre mando lavar e engomar”.

## **2.2 A capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o memorial Padre Cícero.**

As roupas doadas como *ex-votos* nos dois museus são distribuídas entre as comunidades pobres da periferia de Juazeiro do Norte. São peças representando a batina do padre Cícero Romão Batista (de cor preta) e o manto da Mãe das Dores (de cor azul). As romeiras que conseguem a graça de se casar ou ter um bom parto, levam fotos que são colocados em quadros nos museus. "Prego em cartolina, mas com o tempo se desgasta e eu volto a fazer novos quadros", diz dona Lourdes.

Mas outros depoimentos agradecem o Padre Cícero por vitórias em processos ou pela obtenção de diplomas universitários, e um conhecido cantor popular deixou uma recordação agradecendo a intervenção do padre ao lhe permitir emplacar um hit de sucesso que marcou seu retorno e sobreviver a um acidente de automóvel. A população local diz que até mesmo Pânico se beneficiou dos poderes de cura do padre Cícero. Quando o bispo anunciou dois anos atrás que tinha câncer, os peregrinos iniciaram uma campanha de orações por sua recuperação. Agora ele está em remissão, e apesar de hesitar em falar em um milagre, outros não hesitam.

O padre Cícero é um profeta, um santo, um ser divino que tem o poder de conceder graças incontáveis para aqueles que têm fé nele”, disse Maria Pereira Cordeiro, uma aposentada de 64 anos. “Eu não sou uma pessoa letrada, mas acho que Deus enviou dom Fernando para ajudar a Igreja a reconhecer a grandeza do padre Cícero.

Mas a veneração ao padre Cícero é mais do que apenas um fenômeno religioso. Afastado do sacerdócio, ele se voltou para a política. Ele se tornou o primeiro prefeito desta cidade, que

hoje chama a si mesma de “a Capital da Fé”, e posteriormente foi escolhido como vice-governador de seu Estado natal e eleito para o Congresso, apesar de nunca ter exercido nenhum destes cargos.

Ele morreu em 20 de julho de 1934, aos 90 anos de idade. “Entre as classes baixas, havia a sensação de que o padre Cícero logo retornaria com a declaração do milênio e a libertação dos pobres”, disse DELLA CAVA (1985) autor de um importante trabalho em inglês sobre o padre Cícero e um especialista em religiosidade popular no Brasil.

Com o tempo, tal sentimento passou, substituído “por uma sensação de que o padre Cícero é tanto um autor de milagres ou intermediário junto ao Ente Supremo quanto qualquer santo legítimo da Igreja”, acrescenta ainda Della Cava. Apesar da contínua relutância da Igreja Católica Romana em aceitar o padre Cícero e seu legado, outros não relutaram. Por anos, qualquer político concorrendo a cargos federais ou estaduais fazia parada de campanha em Juazeiro do Norte; alguns candidatos e autoridades eleitas até mesmo pagam ônibus fretados e caminhões lotados, conhecidos como “paus-de-arara”, para trazerem os peregrinos aqui.

Encontramos o ex-voto com sinal de uma transformação que logo podemos observar, ou seja, a substituição do ex-voto pintado ou esculpido pela fotografia ou pelas moldagens em cera.

No variado contexto social e econômico do Juazeiro, há uma vasta série de artefatos que são confeccionados e absorvidos por um mesmo segmento da população regional ou vicinal. Neste caso os *ex-votos* ou “milagres” do sertão nordestino, modelados secularmente em barro ou esculpidos em madeira, são expressão da fé por uma graça recebida de um santo.

Nas casas de milagres, harmonizam-se entre si as imagens de políticos eleitos, com fotografias de crianças e adultos pobres. É nesse ponto que burguesia e povo se reconhecem naquilo em que acreditam. É nesse ponto também que a crença popular e a religião se fundem, pois a igreja mantém apoio a essas manifestações instalando exatamente essas casas de milagre ou como no caso do motorista Gregório, celebrando missa no local. Gonzalez afirma que “as diferenças entre a religião oficial e a concepção popular plasmada nos *ex-votos*, não só mostram o nível dos conteúdos, mas também fundamentalmente as relações sintáticas no modo de ordenação lógica e ideológica que se estabelece em tais conteúdos. (DOURADO 2004).

Com relação a grande Meca de peregrinação e romaria do Nordeste, encontramos hoje nas salas de milagres de santuários do Juazeiro do Norte (Ceará) representações totais ou parciais do corpo humano: cabeças, mãos, pés, pernas, braços, esculpidos em madeira ou barro. Além

desses *ex-votos*, achamos jóias, cabelos, óculos, mortalhas, cadeiras de roda, peças de renda, cartas, flores, grandes cruces de peregrinação, velas, vestidos de noiva, fotografias - enfim, uma infinidade de objetos que corresponde à multiplicidade das situações de fé e de vida dos ofertantes.

(...)descrição detalhada dos objetos, entendendo-os como elementos de comunicação ou “transobjetos”, como no caso dos *ex-votos*, peças em madeira, cerâmica, tecido, cera, papel, fita, linha, cordão, papelão, cartolina, chifre, gesso, pedra-sabão, coco e até plásticos. São “transobjetos” porque transcendem a sua própria condição material e adquirem um valor simbólico, que comunica idéias, valores e conceitos por meio das formas, cores e outros elementos que oferecem a chave para “decodificarmos as mensagens contidas nas peças expostas no altar ou nas paredes do centro devocional” (MARQUES DE MELO, 2001).

Tais testemunhos, que dizem da reciprocidade de trocas entre o humano e o divino, são indicadores da grande freqüência de pedidos relativos à recuperação da saúde, seja devido à doença ou a acidente de trabalho, temas predominantes nos séculos XVII, XVIII e XIX. As apropriações desse sistema pelos sistemas de comunicação de massas, observamos que no século XX e XXI permanecem estes temas, acrescidos dos que retratam desastres de carros, trens e aviões, com o implícito salvamento das vítimas.

### **3 ROTEIRO INVESTIGATIVO**

#### **3.1 Ex-Voto como veículo de comunicação.**

O ex-voto é a designação erudita onde podem ser enquadrados *milagres e promessas*. São oferendas feitas aos santos de particular devoção ou especialmente indicados por alguém que obteve uma graça ou milagres implorados, como um testemunho público de gratidão. Eram muito utilizados na Antigüidade greco-romana, embora sua origem seja desconhecida, sabe-se que foi difundido por volta do ano 2000 a. C.

O ex-voto é colocado em local público ou de acesso coletivo e apresenta uma série de formas para testemunhar graças alcançadas. A representação iconográfica (pintura ou fotografia) da graça ou milagre obtidos, como ameaça de morte, doenças curadas, perigos evitados, milagres que salvam propriedades de incêndios, secas, enchentes, pragas, dívidas. O bem recuperado é retratado colocando-se numa legenda a narrativa do milagre e a identificação de quem realizou o pedido e também a quem se fez o pedido. A representação em forma de escultura retratando normalmente uma doença curada; inscrições em tábuas, mármore ou outro

material “nobre” do testemunho ou gratidão pela graça alcançada. Podemos observar a doação de bens como jóias, dinheiro, objetos preciosos de uso litúrgico e até capelas construídas em agradecimento. Os elementos simbólicos como velas e flores; cruzeiros usadas em peregrinações; representações de casas, edifícios e chaves de carros, acompanhadas de bilhetes referindo-se a aquisição do bem ou sobrevivência em desastres ou acidentes; carteiras de cigarros e garrafas de bebidas agradecendo o abandono do vício; representação de várias espécies de animais narrando a gratidão do proprietário pela cura do animal ou proteção de grave perigo.

Em Portugal, era comum pagar promessas feitas em momentos decisivos da nacionalidade, erigindo monumentos de grande beleza como o mosteiro de Alcobaça, construído por Afonso Henriques depois da tomada de Santarém aos sarracenos; o mosteiro da Batalha, como símbolo de gratidão a Santa Maria da Vitória pelo sucesso contra a Espanha e muitos outros, como a Torre de Belém, o convento de Mafra, a igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em Tavira. (<http://www.fundaj.gov.br/>).

O hábito de oferecer *ex-votos* continua vivo para grande número de fiéis nas diversas camadas da população. Com o advento da fotografia e do ex-voto de cera semi-industrializada, desapareceu a preocupação de apresentar uma obra estética. O ex-voto perdeu em valor artístico, mas não deixou de ter um grande significado como forma de expressão da religiosidade, fé e esperança do povo brasileiro.

GONZÁLEZ MARMOLEJO (2002), pesquisando a arte religiosa do México, conclui que o *ex-voto* pode ser uma fonte histórica fundamental para a realização de estudos sociais, artísticos ou religiosos.

También permite el estudio de los espacios interiores, ya que en muchas ocasiones muestra cómo vivía la gente: la silla, la mesa, la cama, la imagen, el adorno, todo esto es posible estudiarlo a través de estas manifestaciones religiosas (GONZÁLEZ MARMOLEJO, 2002).

Além da gratidão, o *ex-voto* também transcende sua parte estética e constitui uma fonte de informação em si mesma, ainda mais quando à representação plástica é adicionado um texto com o qual se obtém uma visão mais completa da pessoa e de sua realidade, ainda que esta seja uma tradição mexicana, frente à particularidade europeia. Finalmente, quando se considera o ex-voto como um objeto comunicativo é importante ressaltar a necessidade de estudar o contexto onde ele está inserido; seria o equivalente a estudar um documento sem realizar uma análise histórica, previamente.

A importância de se estudar o *ex-voto* como veículo de comunicação buscando entender como se apresentam às características de uma região e de um povo exatamente por acreditar que não é somente pelos meios de comunicação de massa e por meio da opinião pública que se pode entender uma cultura.

Bem característica dessa linguagem específica é o *ex-voto* (que no nordeste brasileiro é conhecido por milagre ou promessa) – quadro, imagem, fotografia, desenho, fita, peça de roupa, utensílios domésticos, mecha de cabelo, etc., que se oferece ou se expõe nas capelas, igrejas, salas de milagre ou cruzeiros, em ação de graças por um favor alcançado do céu. (BELTRÃO, 2004).

Segundo BELTRÃO, (2004) Como em nossos dias tanto as populações camponesas como as classes urbanas usam o *ex-voto* como meio de expressão. Esse veículo de comunicação não se apresenta somente como um protesto das classes menos favorecidas, mas também como um registro das opiniões e juízos do público (romeiros, peregrinos, fiéis, beatos etc...) em um determinado momento, refletindo as preocupações e necessidades desse seguimento da população. Dessa forma poderíamos comparar os *ex-votos*, (no processo comunicativo folkcomunicacional) com a teoria do *agenda-setting* que se faz em relação aos meios de comunicação de massa.

#### **4 RESULTADOS**

Foram realizadas duas visitas ao santuário de Juazeiro do Norte, com a realização da pesquisa de campo. Na primeira, em janeiro de 2005, encontramos a cidade com fluxo normal de visitação, considerando-se que é um mês ausente de festas específicas. Já na visita de abril, por ocasião da Semana Santa este ano acontecer conjuntamente com as festas de comemoração do nascimento de Padre Cícero, observamos um grande fluxo de peregrinos, com incontáveis ônibus, caminhões, carros de aluguel, carros particulares, bicicletas, motos e inclusive pessoas caminhando. Poderíamos igualar às festas populares que hoje são tão comuns em nossa sociedade de massa. No total, foram seis dias de visita e realização da pesquisa no Santuário.

##### **4.1 Inventário dos *ex-votos* no Casarão-museu.**

Tomando como base a tipologia de *ex-votos* elaborada por GONZALEZ (1981), nossa visita ao casarão-museu de *ex-votos* derivou nas seguintes conclusões:

- 1) *Ex-votos figurativos*: são bastante freqüentes especialmente aqueles relacionados com as partes anatômicas e que representam a obtenção de uma graça relacionada com enfermidades ou outras moléstias que atingiam estas partes do corpo. Pôde-se constatar uma forte presença dos membros inferiores e superiores em sua totalidade ou limitados a suas extremidades (pernas/pés, braços/mãos), além de uma freqüência significativa de cabeças. Em alguns casos, também foram observadas representações totais do corpo humano (em um caso, salpicado de manchas, representando uma moléstia infecto-contagiosa), destacando o caso de alguns bebês ou recém-nascidos. De forma geral, observou-se à predominância dos objetos esculpidos em madeira, frente aos esculpidos em cera e gesso. Já a figuração de bens materiais, como casas, barcos, veículos, etc é algo mais rara, porém está presente no museu, com a predominância da escultura em madeira. Representações de outras partes do corpo como órgãos internos ou os zoomorfos que representam figuras ou miniaturas de animais domésticos, principalmente aqueles utilizados na agricultura de pequena escala como sugere BELTRÃO (2004) não foram encontrados.
- 2) *Ex-votos representativos*: também são bastante freqüentes, destacando os casos de obtenção de patentes militares, através de quepes ou insígnias dragonas conforme CLÓVIS MELO APUD BELTRÃO (2004) “retratos de marinheiros e soldados, inclusive expedicionários da FEB, que confessam ter subido o Monte Castelo para desalojar os fascistas com o nome de São Severino nos lábios” e os relacionados com casamento (peças do vestuário da noiva, inclusive vestidos inteiros). Um caso particular chamou nossa atenção, no caso de um painel que exibia dobradiças de portas. Interpretamos inicialmente como *ex-votos* metonímicos (a dobradiça representando uma parte da casa), mas ao inquirir uma funcionária do museu nos foi explicado que não se tratava de tal. Outro caso a destacar é um cheque no valor de três mil reais, recuperado a um agiota, no caso o cheque representando materialmente a dívida.
- 3) *Ex-votos discursivos*: são menos freqüentes e geralmente aparecem associados a algum outro tipo de objeto, como elemento explicativo. Por exemplo, no caso mencionado da dívida salda, “O resgate desse cheque do poder de um agiota foi uma graça alcançada, obrigado meu Padim”.

- 4) *Ex-votos* midiáticos: trata-se do tipo mais raro, sendo observado um caso, de um anúncio em *jornal* feito como agradecimento.
- 5) *Ex-votos* pictóricos: *também* possui uma menor representação, no caso de quadros pintados em madeira ou gravuras.

Os *ex-votos* pictóricos possuiriam, isso sim, uma grande representação se considerarmos as fotografias, que hoje constituem a grande maioria do acervo do museu-casarão e que são utilizados no agradecimento de todos tipos de favores alcançados. Assim, parece-nos que este tipo de *ex-voto* está deslocando ou substituindo o *ex-voto* tradicional: maquetes de casa em madeira são substituídas por fotos da casa, maquetes de veículos são substituídas pela foto do veículo, quepes e são substituídas pelas fotos destes militares em exercício da nova patente, pernas esculpidas sofisticada e laboriosamente, são substituídas por fotos de pernas enfermas, vestidos de noiva são substituídos pelas fotos realizadas no dia do casamento... Enfim, observamos uma perda da qualidade artística e da função do *ex-voto* como uma representação, na medida em que esta representação passa a ser uma representação direta, instantânea, ausente da interpretação e reconstrução do significado e carente da riqueza plástica que os *ex-votos* artesanais (por classificá-los de alguma forma) possuem. Assim, acreditamos que as fotografias deveriam ser classificadas dentro de uma nova categoria, que teria características tanto pictóricas como representativas, para constituir a ***categoria mediacional***.

Finalmente, com relação ao fato do *ex-voto* ser um objeto comunicativo e semi-ótico que possui uma mensagem explícita (a própria peça), como uma mensagem oculta (o conteúdo) podemos observar que nem sempre a decodificação das imagens contidas é uma tarefa simples ou possível de ser obtida. Por exemplo, o que significa exatamente a representação de uma cabeça? Loucura, depressão ou tumor? E o que significa uma foto da cantora Joanna? Como observa Beltrão, o problema poderia estar no pesquisador ou teórico da *folkcomunicação*, que não possui a “experiência sócio-cultural comum”, em outras palavras, a habilidade de ler aquele objeto cuja mensagem é criptografada. Resta, porém, o questionamento, de em quê medida outros membros do público peregrino e romeiro possuem esta capacidade, de forma que o potencial do *ex-voto* como um canal de comunicação para a expressão dos protestos, opiniões e juízos desta classe marginalizada, deve ser pesquisada

com maior profundidade. O museu também atua como outra possível barreira no processo comunicativo, na medida em que os processos de seleção e outros fatores relacionados com a exibição, como por exemplo, o agrupamento das peças em blocos temáticos também constitui um discurso que devem ser interpretados pelos visitantes. No museu de *ex-votos* cria-se então um duplo aparato folkcomunicativo (objeto-museu) como nota SABBATINI (2005).

#### **4.2 Entrevista com os pagadores de promessa.**

Aqui apresentamos alguns depoimentos que refletem as motivações religiosas de pessoas presentes por ocasião das visitas de janeiro e abril de 2005. Ao todo coletamos dez depoimentos e entrevistas com autores de peças depositadas,romeiros, turistas, comerciantes responsáveis pela segurança pública e organizadores das mostras.

Através de diálogos mantidos com o Senhor José Raimundo Pereira dos Santos enquanto aguardávamos na fila da entrada da Capela de Nossa Senhora das Dores mantivemos o primeiro contato com um peregrino e obtivemos importantes informações sobre o perfil da devoção na Meca do catolicismo rústico. José Raimundo, motorista de carros fretados, 53 anos, estava guiando um grupo de estudantes do primeiro grau de uma escola municipal localizada na cidade de Salgueiro –PE, que visitavam pela primeira vez o Juazeiro para pagar promessas relativas ao término da construção da escola, em contraste com seu guia em júbilo e contentamento, devido a sua 32ª visita ao santuário. José Raimundo lembra que nos primeiros anos a falta de estrutura, a má condição das estradas, eram responsáveis por acidentes e inclusive mortes. Hoje, apesar da massificação da peregrinação, José Raimundo acredita que o ideal religioso e o poder da fé são mantidos.

Também conseguimos coletar depoimentos de três beatas vestidas com roupas negras (Sidália, Nilda e Conceição) que carregavam santinhos de Nossa Senhora das Dores e as distribuíam aos fiéis como pagamento de promessa. Estas senhoras fizeram depoimento relatando a realização dessa peregrinação toda sexta-feira santa durante os últimos 18 anos como forma de agradecer a recuperação da saúde de Conceição, neta da terceira mulher, que tem exatamente essa idade e que nasceu com sérias dificuldades respiratórias devido a complicações no parto e também a seu lábio leporino. Também contou que haviam depositado no ano 1996, ano de sua operação reparadora, de um nariz e um lábio, esculpidos em cera. Embora buscássemos tão singular objeto, não foi possível encontrá-lo, possivelmente devido à reciclagem dos objetos expostos. Elas são do Crato.

O cabo do Exército Pedro Américo Ludgério observava com olhos atentos o fluxo humano, nessa grande peregrinação, mantendo seu posto e sua função de orientação e auxílio aos que ali estavam. Assim mesmo, diante deste tumulto, pode contar-nos a sua satisfação pessoal em servir a uma causa que lhe é muito próxima e afetiva, devido à graça considerada milagrosa concedida a um membro de sua família. Todos os anos em que é designado para auxiliar, sente-se na obrigação de zelar pelo patrimônio de seu “Padim Padi Ciço”. Em homenagem, colocou o nome de seu filho mais velho, hoje com 6 anos de idade, o nome de Cícero Romão.

#### **4.3 Observação e descrição do “pagamento dramatizado”**

Nos três dias consecutivos em que estivemos realizando essa pesquisa não encontramos nos momentos das visitas nenhuma manifestação de “pagamento dramatizado”, como sugere MARQUES DE MELO (2005). Porém, em frente à capela pudemos observar a montagem de um palco com som muito alto onde alguns peregrinos se apresentavam e falavam seus benditos e explanavam sua fé de forma teatral.

Não encontramos literatura disponível, no local, acerca do tema e não tivemos informações sobre pessoas da comunidade que pudessem funcionar como “história oral”, pois constatamos sim que cada uma das pessoas que visitam o santuário bem como os domiciliados ali possuem suas fontes de referência seja na família ou no círculo próximo de convivência. Acreditamos que mais tempo podemos desvendar estas lacunas relacionadas à história oral.

#### **Locais visitados pelos romeiros do padre Cícero**

##### **Estátua do padre Cícero**

Fica no alto da colina do Horto, onde fica também o casarão construído pelo sacerdote em 1907. O casarão virou museu onde podem ser vistas imagens de cera representando alguns momentos do padre Cícero, imagens e quadros, além de fotos e *ex-votos* deixados pelos fiéis.

##### **O Santo Sepulcro**

É outro local, no Horto, onde os fiéis fazem orações e reflexões. Ali estão enterrados dois beatos que acompanharam o padre Cícero.

##### **A casa onde viveu o padre Cícero**

Na rua São José, 242, no centro, a casa também virou um museu, com peças que foram do sacerdote: a cama, os utensílios domésticos, roupas etc.

##### **A capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o memorial Padre Cícero**

Esses também são locais de visita dos romeiros. No altar da capela está enterrado o corpo do sacerdote falecido em julho de 1934.

### **Santuário de Nossa Senhora das Dores**

Os fiéis que vão à Juazeiro do Norte também lotam o Santuário de Nossa Senhora das Dores, igreja matriz da cidade, também obra do padre Cícero. Ali, são realizadas missas e confissões diárias e, na secretaria, ficam os voluntários que prestam informações aos romeiros e romeiras.

### **Fontes consultadas:**

AGUIAR, Cláudio. **Caldeirão**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1992. 316p.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **História do padre Cícero ao alcance de todos**. Juazeiro do Norte: Edições ICVC, 1992. 166p.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação. A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação. Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

DOURADO, Jacqueline Lima. **Folkcomunicação : o ex-voto como mídia**. *Jornal Da Folkcomunicação* .Ano 1 – N. 6 – São Paulo, Brasil – 22 de abril 2004 <http://www2.metodista.br/unesco/>

FORTI, Maria do Carmo P. **Maria de Araújo, a beata do Juazeiro**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

GONZALEZ, Jorge A. Exvotos y retablitos: comunicación y religión en México. In: GONZALEZ, Jorge.

Cultura (s). Universidad de Colima, 1981, p. 9-100.

GONZÁLEZ MARMOLEJO, Jorge René. Sexo y Confesión. La Iglesia Y la penitencia en los siglos XVIII e XIX en la Nueva España. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, Plaza y Valdés, 2002.

GUEIROS, Optato. **Lampeão**. 2a ed. São Paulo, 1953.

MACEDO, Nertan. **Lampião: Capitão Virgulino Ferreira**. 5a ed. Rio de Janeiro: Renes Ltda, 1975.

MARQUES DE MELO, José. **Luiz Beltrão. Pioneiro dos estudos de Folkcomunicação no Brasil**, s.d.  
Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.biografias.htm>>. Acesso: 07/05/2005.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Mídia e folclore: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. Maringá / São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá / Cátedra Unesco-Umesp, 2001. 232 p.

\_\_\_\_\_. **A comunicação dos pagadores de promessas. Pesquisa-piloto sobre o ex-voto como processo folkcomunicacional**. Manuscrito não publicado, 2005.

MENEZES, Fátima. **Lampião e o Padre Cícero**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1985.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**: a verdadeira história de Juazeiro do Norte. 3.ed. Recife: FJN. Ed. Massangana, 1981. 344p.

SABBATINI, Marcelo. O museu de *ex-votos* de Padre Cícero: um olhar museológico sobre o turismo religioso em Juazeiro do Norte. 8<sup>a</sup> *Conferência Brasileira de Folkcomunicação*, Teresina, Piauí, 2005.

SOBREIRA, Azarias. **O Patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: 1968.